

— Batem? Meu Deus, Gianni! Então, você ignora do que se trata? É o abantesma. O mesmo abantesma de que eu, nestas noites anteriores, tive tanto medo. O maior medo de toda minha vida. Tão grande foi o medo que, quando escutei você bater, enfiei a cabeça debaixo dos lençóis, e não me atrevi a pô-la de novo para fora, senão quando o dia clareou.

Então, Gianni deu-lhe coragem:

— Ora, mulher! Não seja tão medrosa, em se tratando de fantasma; ainda há pouco rezei o *Te Lucis* e a *Intemerata*, e inúmeras outras orações; fiz isto ao virmos para a cama; e da mesma forma marquei a cama com uma cruz, de canto a canto, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; assim sendo, não temos nada a recear; por maiores que sejam os poderes do abantesma, não nos poderá fazer nenhum mal.

A fim de que Frederico, por seu turno, não suspeitasse de outra coisa, e não perturbasse suas relações com ela, Monna Tessa resolveu, corajosamente, sair da cama e fazer com que ele percebesse que Gianni estava em casa. E declarou ao marido:

— Pois muito bem; recte você as suas palavras; no que me diz respeito, eu não me julgarei a salvo, enquanto não encantarmos esse fantasma, já que você aqui se encontra.

Perguntou Gianni:

— E de que maneira é que se encanta o fantasma?

Explicou a mulher:

— Sei bem de que modo proceder para encantá-lo; antecoltem, quando me dirigi a Fiésolle, para a confissão, topel uma dessas eremitas, que são, meu caro Gianni, a coisa mais santa que por Deus se possa imaginar; quando ela me viu tão receosa, ensinou-me uma santa oração; declarou que já a experimentara, antes de se tornar eremita; e que sempre lhe fora eficaz. Contudo, bem sabe Deus que eu jamais teria coragem de ir sozinha experimentar o poder dessa oração; contudo, agora, quando você se encontra junto de mim, quero que tratemos juntos, de encantar o fantasma.

Gianni afirmou que isto lhe agradava muito. Levantaram-se ambos da cama, e dirigiram-se, bem de mansinho, até a porta; do lado de fora dessa porta, Frederico, desconfiado já de alguma coisa, ainda esperava. Quando chegou perto da porta, a mulher disse a Gianni:

— Agora, quando eu disser, você vai cuspir.

Aquiesceu Gianni:

— Está bem.

A mulher principiou a reza, e disse:

— Fantasma, fantasma, que anda de noite; você veio para cá de rabo em pé; de rabo em pé você se irá daqui. Dirija-se ao horto; junto ao grande pessegueiro, achará algo untado e besuntado, com uma centena de excrementos das minhas galinhas; metá a boca na garrafa e trate de ir embora; não faça mal a mim, nem ao meu Gianni.

Após ter dito isto, ela mandou ao marido:

— Cuspa, Gianni!

E Gianni cuspiu. Frederico, postado do lado de fora, tendo escutado todas estas palavras, dissipou os seus ciúmes, assim como a sua melancolia; sentiu tanta vontade de rir, que quase estourou; e, em voz muito baixa, enquanto Gianni cuspiu, foi dizendo:

— Os dentes!

Tendo encantado assim o fantasma, por três vezes consecutivas, a mulher retornou à cama, com o marido, Frederico, que planejava jantar

com ela, não jantara ainda; porém compreendeu muito bem o sentido das palavras da reza; e, por este motivo, partiu para o horto; achou, junto ao pessegueiro, os dois capões, e vinho e os ovos; levou tudo para a sua casa; ali, juntou com todo o conforto. Em seguida, voltando a encontrar-se em outras ocasiões com a mulher, muito se riu, junto dela, daquele encantamento de fantasma.

Afirmam alguns, é certo, que a mulher bem que virara para o lado de Fiésolle o focinho da caveira de burro; mas aconteceu que um camponês, ao passar pelo vinhedo, enfiou uma vara na caveira, suspendeu-a, e fê-la girar, por troça, em sua extremidade superior; quando o camponês a pousou outra vez no local onde estava, deixou-a com o focinho voltado para a direção de Florença; por este motivo, Frederico, pensando que era solicitada sua presença, partiu para a casa da mulher.

Também afirmam que a mulher rezara a prece desta forma:

— Fantasma, fantasma! Vá-se embora com Deus, que não fui eu que virei a caveira do burro; terá sido outra pessoa, e que Deus a faça tristonha por causa disso; quanto a mim, aqui estou com o meu Gianni.

E terminam garantindo que Frederico dali se afastara, sem abrigo e sem jantar. Uma vizinha minha, porém, mulher muito idosa, garante-me que uma e outra coisa de fato aconteceram, conforme o que ela queria contar, quando era jovem; notou, entretanto, que, da vez derradeira, o caso não aconteceu com Gianni Lotteringhi, e sim com um senhor chamado Gianni di Nello, que estava estabelecido à Porta de São Pedro, e não era menos boçal do que o Gianni Lotteringhi. Por esta razão, minhas caras mulheres, deixo ao seu critério supor qual das duas orações ela disse; se o desejarem, podem admitir ter ela dito as duas. Tanto uma como a outra têm enorme virtude para encantamentos de fantasmas e casos idênticos, como vocês, por experiência, acabaram de escutar. Tratem de aprendê-las, pois elas ainda lhes poderão ser de utilidade.

## SEGUNDA NOVELA

*Peronella coloca o seu amante em uma barrica, ao retornar o marido anteriormente vendida pelo marido; este, então, afirma que a vendeu a um comprador que irá examiná-la por dentro, para constatar se está em bom estado. O amante pula fora; obriga o marido a raspar o fundo da barrica; em seguida, ordena que a façam transportar à sua casa.*

A novela de Emília foi ouvida com inúmeras risadas; e a prece que a acompanhava foi por todos tida como santa e boa. Atingindo, portanto, o final da tal narrativa, o rei mandou que Filóstrato continuasse; e ele principiou:

— Minhas queridíssimas mulheres, tantos são os enganos que os homens — e sobretudo os maridos — realizam contra vocês que, quando sucede que uma esposa comete uma falsidade contra o próprio esposo, não deveriam vocês sentir-se somente alegres pelo fato de isto acontecer, ou de lhes ser repetido, ou de lhes chegar aos ouvidos; mais

do que alegres, deveriam vocês, vocês mesmas, ir narrando o caso por todo o mundo. Deste modo, os homens saberiam que, se são sabidos, as mulheres, por sua vez, igualmente o são. Isto somente poderia ser-lhes de utilidade, pois, quando alguém sabe o que os outros sabem, não se atreve esse alguém a querer com facilidade iludir os outros. Ninguém duvida, portanto, de que o assunto sobre o qual hoje discorremos seja muito bem conhecido pelos homens. E é certo que o motivo principal do comedimento dos maridos, na tarefa de iludir suas esposas, está exatamente no fato de eles saberem que, do mesmo modo, se as mulheres o desejarem, poderão enganá-los. O que pretendo, portanto, é contar-lhes o que uma jovem — ainda que de baixa condição social — fez ao seu marido, para salvar-se a si mesma.

Não se passou ainda muito tempo desde que, em Nápoles, um homem pobre casou-se com uma linda e fascinante jovem, de nome Peronella. Ele, com o ofício que tinha, que era o de pedreiro, e ela a fiar ganhavam muito modestamente o próprio sustento; deste modo levavam a existência da melhor forma possível.

Sucedeu que um rapaz, dos elegantes, certo dia, vendo esta Peronella, observou que o seu tipo muito lhe agradava, e enamorou-se dela; fez-lhe o cerco, em seguida, de tal maneira, desta e daquela forma, que, por fim, entrou em relações de intimidade com ela. E, a fim de que pudessem encontrar-se a sós, decidiram ambos o seguinte: tendo o marido dela o hábito de erguer-se muito cedo da cama, todas as manhãs, para ir ao trabalho, ou para procurar serviço, o rapaz elegante deveria collocar-se, àquela hora, em local de onde pudesse ver o marido deixar a casa. Sendo o condado chamado Avorio, muito solitário, poderia o rapaz, assim, entrar na residência de Peronella. Inúmeras vezes agiram os amantes conforme este plano.

Entretanto, entre outras manhãs, uma houve em que o bom do marido saiu; Giannello Scrigarino (que era como se chamava o rapaz elegante) penetrou na casa; deitou-se com Peronella; porém, passado pouco tempo, o marido, que não costumava retornar logo para casa, naquele dia voltou; achando a porta fechada por dentro, bateu; e, tendo batido, pôs-se a dizer a si mesmo:

— Oh! Deus! Louvado seja, pois, ainda que me tenha feito pobre, ao menos me confortou dando por mulher uma moça cheia de bondade e honesta. Veja como não demorou ela em trancar por dentro a porta, assim que eu saí; e trancou-a, a fim de que ninguém pudesse entrar e ir dar-lhe aborrecimentos.

Reconheceu Peronella a presença do marido, pelo jeito como ele batia à porta; e disse:

— Meus Deus! Querido Giannello! estou morta. Aí vem meu marido, que Deus o torture! Regressou, e não sei o que isto significa, visto que ele jamais regressa a casa a esta hora. Pode ser que o tenha visto, quando você entrou. Contudo, seja como for, procure ocultar-se dentro desta barreira que aí está; irei abrir a porta; vamos ver, depois, o que significa isto de ele retornar tão cedo, esta manhã, para casa.

Giannello entrou depressa na barreira enorme; Peronella dirigiu-se à porta; abriu-a ao marido e, com o rosto severo, disse:

— Ora! que novidade é esta de você retornar tão cedo para casa? Pelo que vejo, hoje você não quer fazer nada; do contrário, não retornaria com suas ferramentas na mão; e, se é assim que você age, como é que iremos viver? Em que parte iremos buscar nosso pão? Você está pensando que vou tolerar que empenhe minha anáguas e minhas peças

íntimas? Não faço outra coisa senão fiar o dia inteiro e toda a noite; tenho trabalhado tanto, que a carne já me descolou da unha; e tudo isso a fim de que tenhamos óleo para acender a lâmpada. E você não quer trabalhar? Pois escute aqui, meu esposo; não há vizinha que não se admire e não se ria de mim, por eu trabalhar tanto assim. E você retorna para casa, as mãos vazias, quando o cerco é estar trabalhando?

Tendo dito isto, a mulher pôs-se a chorar e a resmonear outra vez: — Pobre de mim! Desgraçada de mim! Em que má hora fui nascido! Em que lugar eu vim ao mundo! Eu, que teria podido escolher um rapaz de bem, e que não quis, somente para preferir este marido que não se preocupa com a mulher que levou para sua casa! As outras esposas desfrutaram a existência, com os seus amantes; não existe uma só que não possua dois, e mesmo três amantes. E gozam a existência. E obrigam os maridos a aceitar a lua pelo sol. E eu, pobre de mim! Apenas porque sou bondosa, e por não me entregar a tais novidades, não tenho sorte. Não sei mesmo mais porque não arranjo alguns amantes, como as outras. Procure compreender bem as coisas, marido meu; quisesse eu praticar o mal, bem que eu acharia com quem; existem por aí muitos jovens elegantes, que me têm amor, que me querem bem, que já me mandaram ofertar muito dinheiro e indagar se o que eu mais quero são roupas, ou jóias. Contudo jamais cedi, pois nunca fui filha de mulher que isto fizesse. E pensar que você retorna a casa quando devia estar trabalhando!

Disse, então, o marido:

— Olhe aqui, mulher, não se aborreça, pelo amor de Deus! Você deve acreditar que sei quem você é, ainda esta manhã tive eu prova disso. É certo que saí para trabalhar; mas demonstra você que o ignora, como eu mesmo o ignorava, que hoje é o dia de festa de São Galdo; por isto, não se trabalhe; assim sendo, retornei a casa a esta hora. Apesar disso, tomei providências e achei o modo de obtermos o pão nosso por mais de um mês; vendi, a este homem que você vê aqui comigo, aquela barreira que, como bem sabe você, há muito tempo, vem atravancando a nossa casa; por ela, dá 5 liriados.

Peronella, então, começou:

— Tudo isto é a razão do meu sofrer: pois você, sendo homem, e andando por aí, devendo, pois, conhecer as coisas deste mundo, vendeu uma barreira por 5 liriados; mas eu, que sou uma jovenzinha que já mais pôs o pé fora de sua porta, vendo o atravancamento que ela representava, vendi a mesma tralha por 7 liriados a um senhor que, logo que você retornou para casa, meteu-se dentro dela, para examinar o seu estado.

Ouvindo isto, o marido ficou mais do que alegre; e disse ao homem que viera em sua companhia:

— Bondoso homem, vá com Deus, visto que você ouviu que minha mulher vendeu a barreira por 7 liriados, e você por ela não me daria mais do que 5.

O bondoso homem disse:

— Em que boa hora o faço!

E foi embora. Peronella, então, rogou ao marido:

— Já que você está em casa, vamos para lá. Cuide você, com aquele comprador, de nossos interesses.

Giannello, que estava de ouvidos abertos, para ver se precisava recarar algo, ou ter de adotar alguma providência, bem que escutou as palavras de Peronella; saltou, lestamente, para fora da barreira; e, como



se não tivesse notado nada, com respeito ao regresso do marido, para casa, pôs-se a dizer:

— Onde está a senhora, bondosa mulher?

Nisto o marido, que vinha perto, respondeu:

— Eis-me aqui. O que quer?

Giannello, perguntou:

— O senhor quem é? Desejo falar com a mulher com a qual tratei sobre a compra desta talha.

Explicou o bondoso marido:

— Pode falar sem receio, pois eu sou o marido dela.

Giannello comentou, então:

— Parece-me a barreira em boas condições; parece-me, contudo, que vocês collocaram escórtias dentro dela, visto que ella está inteiramente suja de não sei o quê, bastante seco, que eu não consigo tirar com as unhas; sendo assim, não levarei a barreira enquanto ella não estiver bem limpa.

Peronella interveio:

— Não, não será por causa disso que desmancharemos o negócio. O meu marido vai limpar tudo.

E o marido confirmou:

— Está certo.

Pôs o bondoso marido as ferramentas no chão; tirou o camisolão de trabalho; solicitou um lume à mulher e uma raspadeira; entrou na talha; e pôs-se a raspar-lhe o fundo e as paredes. Peronella, como querendo examinar o que elle fazia, enfiou a cabeça pela boca da barreira a dentro; aliás, a barreira não era muito grande; porém a mulher, além de cabeça, meteu nella também um braço e um dos ombros, e disse:

— Raspe aqui... e ali... e ainda lá... e... olhe que restou aqui uma lasquinha...

Permanecendo a mulher naquella posição enquanto dava indicações ao marido, que se mantinha dentro da barreira, Giannello continuava de lado; contudo, recordando-se de que, naquella manhã, não tinha ainda satisfeito o seu desejo, pois o marido de sua amásia voltara antes disso, e vendo que, já agora, não poderia retornar à cama, para o que desejava, julgou que o melhor seria aproveitar a oportunidade como pudesse. Encostou-se, assim, bem à mulher que, com seu corpo, tapava a entrada toda da barreira, de maneira que o marido, metido dentro dela, não podia ver coisa alguma do que occorria do lado de fora; e, naquella posição em que, nos grandes campos, os cavalos lívres, levados pelo amor, assaltam as águas de Partia, realizou os seus intentos; este ato se consumou praticamente no mesmo momento em que a barreira terminou de ser raspada; assim, afastou-se Giannello do corpo da mulher; Peronella tirou a cabeça de dentro da barreira; e o marido saltou da mesma. Peronella disse, então, a Giannello:

— Tome este lume, bondoso senhor, e observe se a talha está limpa a seu gosto.

Giannello verificou o interior da barreira; afirmou que estava tudo bem, e que elle se dava por satisfeito; entregou ao marido os 7 liriados; e ordenou que lhe levassem a barreira para casa.

### TERCEIRA NOVELA

*Delta-se o Frade Rinaldo com a co-  
madre e encontra-o o marido na*

*alcova com ella; e ella e o frade fu-  
zem-no crer que andavam a encun-  
tar os vermes do afilhado.*

Não falara Filóstrato tão veladamente das águas da Partia, que evitasse o riso das mulheres, ainda que fingissem rir-se de outra coisa. Entretanto, quando o rei percebeu que a sua novela estava finda, ordenou que Elisa prosseguisse novelando; e Elisa, bem disposta a atender, principiou:

— Prazerosas mulheres, o encantamento do fantasma de Emilia trouxe de novo à minha lembrança o caso de outra encantação que, ainda não sendo tão linda como a já narrada, vou contar agora, sobre tudo porque não me vem outra que esteja dentro do assunto do dia de hoje. Devem saber que, em Slena, em outro tempo, viveu um rapaz muito elegante, de familia muito distinta, chamado Rinaldo; elle teve infinito amor por uma sua vizinha, mulher linda, e, além disso, esposa de um homem rico; esperava, assim, ter oportunidade de falar com ella, sem levantar suspeitas, com a finalidade de conseguir della tudo o que queria; não achando modo algum de o fazer, e estando a mulher grávida, o rapaz pensou, então, em fazer-se seu compadre; em consequência, acerrou do marido dela, da maneira mais normal e correcta que encontrou, e revelou o seu propósito; e assim foi feito.

Tendo-se tornado Rinaldo compadre da Senhora Agnes, passou a ter razões mais legítimas para conversar com ella; assim, revelou-lhe suas intenções, com palavras, informando-a de que a conhecera muito antes, por ato e obra dos seus olhos. A mulher não ficou desagradada, ouvindo a confissão; porém isto valeu muito pouco a Rinaldo.

Passado algum tempo, succedeu porém, fosse qual fosse a causa, que o jovem se fez frade; e, ainda que achasse boa pastagem, nem por esta razão deixou de perseverar em seu desígnio. É certo que, na época em que se tornou frade, o rapaz pôs de parte o amor que sentia pela sua comadre; também de parte elle collocou certas vaidades; apesar disso, com o passar do tempo, sem abandonar o hábito, voltou às inclinações antigas; começou a apreciar de novo o aparecimento em público, e trajar boas roupas, e mostrar-se cuidadoso em todas as suas coisas, assim como accentuadamente elegante em seus modos. Também voltou a compor canções, sonetos e baladas, e igualmente a cantar. Encheu-se de coisas tais como estas. Contudo, que estou eu a dizer do nosso Frade Rinaldo, de que falamos? Quaes são os frades que não fazem o mesmo?

Ahi vitupério deste arruinado mundo! Tais frades não ficam vexados de apparecer gordos, de vir com boas cores no rosto, de mostrar-se efeminados em suas vestes e em todas as suas coisas; e não procedem elles como as pombas, e sim como os galos cheios de vaidade, de crista erguida e peito empolado; e isto é ainda pior. Vamos deixar de parte o facto de terem elles suas celas repletas de frescos, de pomadas e de unguentos; abundam nelas as caixinhas de doces, as empolias e as garrafinhas com águas-de-cheiro e óleos aromáticos; são abundantes os garrações de malvásia, de vinhos gregos, assim como de outros vinhos; tanto isto é verdade que essas celas nem parecem celas de frades mais, e antes lojas de especiarias, ou casas de unguentários, para os olhos dos que as vêem. Não sentem vergonha os frades pelo facto de outros conhecerem que elles são gotosos; julgam que os outros ignoram que os jejuns